

Promessas De Deus Em Circunstâncias Dos Diabos

Lapa, 29 de Setembro de 2020

Texto Bíblico

Isaías 64:1-9

Resumo

Este sermão, pregado pelo Pr. Tiago Cavaco, chama-se “Promessas de Deus em circunstâncias dos diabos”. Custa-nos viver num mundo em que parece que Deus não anda a cumprir o seu papel, provando que tem mão nos acontecimentos. Mas celebrar o Advento, o tempo que antecede o Natal, recorda-nos que Jesus é Deus a cumprir o que nos disse, ao ponto em que uma promessa se torna uma pessoa.

Sermão

O sermão de hoje chama-se “Promessas de Deus em circunstâncias dos diabos”. Custa-nos viver num mundo em que parece que Deus não anda a cumprir o seu papel, provando que tem mão nos acontecimentos. Mas celebrar o Advento, o tempo que antecede o Natal, recorda-nos que Jesus é Deus a cumprir o que nos disse, ao ponto em que uma promessa se torna uma pessoa.

O livro do profeta Isaías não é coisa pouca. Para tentar resumir o tanto que tem, diríamos que este livro quer que o povo de Israel compreenda o importante papel que Deus lhe daria num futuro completamente diferente do que passavam, que era estarem exilados e dominados pela Babilónia, quando, a partir da sua capital Jerusalém, se tornassem o centro espiritual do mundo inteiro. Portanto, calculem essa mesma dinâmica aplicada a nós: como lidamos com promessas feitas por Deus quando nos sentimos em circunstâncias dos diabos? Provavelmente exprimiríamos o mesmo tipo de emoções que o texto aqui apresenta. Vamos tentar resumir as emoções deste texto em duas expectativas, um reconhecimento e um pedido.

Nos versos 1 a 3 encontramos uma expectativa de que Deus faça coisas próprias de um Deus. Céus fendidos, montes desabados, países com tremores de terra—isto sim, parece um sinal de intervenção divina radical e directa! A lógica parece ser a de que, ao menos quando Deus faz “coisas terríveis” (v. 3), ninguém pode negar que não somente ele existe como está a tomar conta da cena. Nessa medida, o texto passa por alguma queixa, a de que nos custar viver num mundo em que parece que Deus não anda a cumprir o seu papel, provando que tem mão nos acontecimentos. Claro que desde já assumimos que provavelmente o problema é menos o de Deus não fazer coisas de Deus, e o nosso de não compreender como é que isso está a acontecer.

No verso 4 encontramos uma segunda expectativa que é de sermos pessoalmente beneficiados quando Deus faz coisas próprias de um Deus, “que trabalha para aquele que nele espera”. Curiosamente, este verso é bastante citado quer no Novo Testamento quer nos primeiros séculos da história da Igreja, como declaração da qualidade única do Deus em que criam os cristãos (“Porque desde a antiguidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu Deus além de ti”). Se, por um lado, os cristãos acreditam que as qualidades de Deus valem por ele mesmo, essas qualidades acabam por ter um impacto saudavelmente prático nas nossas vidas. Nessa medida, não precisamos de ter vergonha em assumir que acreditar em Deus é bom também porque lucrámos com isso. Nenhum cristão é uma pessoa puramente desinteressada—ganhamos com isso. E ainda bem!

Nos versos 5 a 7 encontramos um reconhecimento de que provavelmente os nossos erros participam no processo de não vermos Deus fazer coisas próprias de um Deus. Como assim? Está aí resumido em “eis que te iraste, porque pecamos” (v. 5). Mais ainda: os nossos erros existem e provocam um estrago tal que até no nosso melhor eles arranjam maneira de aparecer. É isso que lemos num dos versos mais arrasadores da Bíblia quando à nossa boa vontade: “Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia” (v. 6). A fé cristã afirma que estamos de tal modo carentes de uma salvação que precisamos de tratar do mal que fazemos mas também do bem que queremos fazer.

Por fim, nos versos 8 e 9 encontramos um pedido, algo descarado, diríamos, para que Deus, como nosso Pai que é, não nos trate como merecemos. No fundo, também é isso que um pai é. Quando somos pais sentimos que a nossa responsabilidade vai além de dar aos nossos filhos apenas as consequências do que eles fazem. “Não te enfureças tanto, ó Senhor, nem perpetuamente te lembres da nossa iniquidade” (v. 9). E este pedido ousado, de sermos tratados excepcionalmente, queremos ligar ao que permite esse luxo de poder dizer-se filho de Deus. E o que permite o luxo de pedirmos a Deus que nos trate como seus filhos é algo que também estava no contexto deste livro complicado que é o de Isaías: Deus não somente ia restaurar Israel como centro espiritual do mundo, como o faria através de Jerusalém na pessoa do Messias, Jesus Cristo.

Sermos feitos filhos de Deus, a esperança que anima o pedido de Deus nos tratar como não merecemos, estava dependente de Jesus. Simplificando, acreditamos que ao encarnar, a mensagem do Natal afinal, Jesus é o Filho de Deus que pelo seu sacrifício abre caminho para que outros possam ser feitos filhos por adoção. A celebração do Advento, que antecede o Natal, a festa da encarnação de Deus, é o reconhecimento de que em circunstâncias do Diabo só uma promessa de Deus feita homem nos pode valer.